

## Narrativas de si e imaginários sobre HIV: uma análise do HDiário<sup>1</sup>

Robson Evangelista dos SANTOS FILHO<sup>2</sup>  
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O surgimento da síndrome da imunodeficiência adquirida, a aids, na década de 1980, foi acompanhado por diversos discursos midiáticos que, a partir de proposições equivocadas e valorações morais, fazendo coro com discursos médicos, políticos e religiosos, foram construindo e disseminando representações tanto sobre o HIV, vírus causador da doença, quanto sobre as pessoas diagnosticadas com ele ou aquelas demarcadas como “grupos de risco”, a exemplo dos homossexuais. Apesar de uma série de avanços científicos e sociais e mesmo 40 anos depois, muitas dessas representações ainda se mantêm no imaginário coletivo, interferindo significativamente na prevenção, testagem e tratamento, enfim, no controle da epidemia. É sobre isso que se debruça o presente trabalho. Se, em um primeiro momento, a imprensa se valeu de relatos de profissionais da saúde, familiares, amigos e parceiros e só depois dos próprios soropositivos, porém ainda com a mediação jornalística e para atender interesses mercadológicos, os soropositivos se mobilizaram em seguida para fazer circular suas próprias vozes contra aquelas que falavam sobre e por eles. Um exemplo recente disso é o ator Gabriel Comicholi, que, em 2016, criou o canal *HDiário* no *YouTube* para revelar que vive com HIV, contar e mostrar seu cotidiano, falando sobre tratamentos, exames, consultas e relacionamentos ou gravando as coletas de sangue e os efeitos colaterais pelos medicamentos, por exemplo. Diante da repercussão obtida não apenas na internet, como também na grande mídia, esse canal, atualmente com mais de 40 mil inscritos e 2,2 milhões de visualizações, tornou-se um atrativo objeto, escolhido para estudo, e do qual foram selecionados 10 vídeos que tinham como foco as vivências do *youtuber* com HIV. A pesquisa teve como objetivo principal analisar discursivamente as representações do HIV e dos soropositivos na narrativa de Gabriel Comicholi, de modo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022. O trabalho advém de uma dissertação de mestrado em Estudos Discursivos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), desenvolvida com orientação da professora Mariana Ramalho Procópio e apoio financeiro da Capes.

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Email: robsonevangelistasantosfilho@gmail.com.

a identificar e investigar quais e como os imaginários sociodiscursivos referentes a esses temas são mobilizados por ele, percebendo como eles são valorados, a quais saberes se ancoram e se rompem ou reforçam estereótipos. Para tanto, foi adotado como suporte teórico-metodológico a Semiolinguística, vertente da Análise do Discurso proposta por Patrick Charaudeau que apresenta conceitos e categorias analíticas como: os imaginários sociodiscursivos, enquanto modos de apreensão do mundo e construção de sentidos sobre os objetos, fenômenos, seres e seus comportamentos, sendo engendrados pelos discursos circulantes nos grupos sociais e depositando-se na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2017); e contrato de comunicação, fundamental para toda análise por considerar as identidades dos sujeitos envolvidos na troca comunicativa, suas finalidades, o propósito abordado e o dispositivo do ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2005, 2010). Além disso, o trabalho também foi subsidiado por referenciais que versam sobre: HIV, com dados, estatísticas e o percurso histórico desse vírus e dos discursos midiáticos sobre ele, contribuindo, portanto, para resgatar seu imaginário (BESSA, 2002; GALVÃO, 2002; PELÚCIO; MISKOLCI, 2009; MISKOLCI, 2012); as narrativas de vida (PROCÓPIO-XAVIER, 2012; CARVALHO, 2016; MACHADO, 2016) e a noção de espaço biográfico (ARFUCH, 2010), para refletir sobre práticas midiáticas contemporâneas pelas quais os indivíduos relatam suas experiências, a exemplo das videografias de si encontradas no *YouTube*, caracterizadas pela tendência confessional e exposição da intimidade (COSTA, 2007, 2009, 2010), como, no *HDiário*, o HIV. Diante disso, se discute a publicização do privado (SIBILIA, 2003, 2016; CHARTIER, 2009; BRUNO, 2013; SEDGWICK, 1990), que concerne tanto à midiatização do processo de se narrar, com a reconfiguração dos antigos diários para os atuais diários na internet, como o próprio título do canal sugere, quanto à revelação da condição sorológica positiva para o HIV – tão estigmatizado e, por isso, geralmente alocado na esfera do sigilo, que, aliás, é garantido por lei –, sendo essa revelação compreendida como saída do segundo armário. Dentre os principais resultados, foi possível observar que, ao declarar sua soropositividade e produzir vídeos sobre HIV, ainda considerado tabu, Gabriel Comicholi tem como finalidade fazer saber, buscando contribuir para o problema de ausência ou erro de informações sobre o HIV na internet e, inclusive, demarcando o canal na categoria educação. A partir dessas visadas informativa e didática, o *youtuber* visa um fazer falar, incitando as pessoas a também abordarem o assunto, e um fazer fazer, ao conscientizá-las, sobretudo, para realizarem testes e usarem

camisinha. Por não dispor de estatuto profissional, Gabriel aborda o HIV pela perspectiva de sua experiência com o vírus, discorrendo apenas sobre o que vivenciou. Nesse sentido, sua narrativa de vida funciona como estratégia de legitimidade, credibilidade e captação para conseguir a adesão do público. Para isso, mesmo que o assunto pareça exigir mais seriedade, Comicholi adota um tom descontraído, comum entre *youtubers*, ao projetar um público mais jovem. A intenção de conferir contornos mais positivos é essencial, mas esbarra no desafio de não banalizar o que ainda se apresenta como um problema crítico de saúde pública. Ademais, outras duas visadas se fazem presentes, uma terapêutica e outra de visibilidade. Os relatos no *HDiário* são uma forma de desabafo de Gabriel diante de algo novo em sua vida, almejando que outras pessoas o ajudem, assim como que sejam ajudadas por ele. Segundo ele, graças ao canal, conseguiu enfrentar a situação, pesquisar sobre o HIV e se preparar para auxiliar outras pessoas que vivem com o vírus, tornando-se porta-voz do grupo. Comicholi se dirige, então, especialmente a soropositivos, embora utilize esse termo para se referir aos outros e não a si mesmo, e a pessoas próximas a eles. No entanto, ele pode acabar apresentando uma trajetória de êxito que o coloca como um exemplo a ser seguido pelos demais. Valendo-se de discursos de autoajuda e superação, sugere como conseguirem o mesmo, por vezes propondo soluções fáceis para questões difíceis. Logo, há que se considerar as realidades desiguais que fazem com que as pessoas não experienciem o HIV da mesma forma, daí a importância de os relatos também não se pretenderem universais. Comicholi também vislumbra um público maior, preocupado com números de seguidores e *views*. Assim, quer se fazer visível para atingir as demais finalidades, mas também manter o status de webcelebridade, que lhe propiciou trabalhos e foi adquirido com o canal, sobretudo o vídeo de revelação da sorologia, dado o interesse do público por tudo que é tido privado e saídas do armário que constantemente ocupam as pautas midiáticas. Pelas reações discursivas, como curtidas e comentários, nota-se boa recepção, mas é necessário frisar que essa notoriedade é privilegiada pelo fato de Gabriel ser um homem cis, branco e de classe média, daí outros soropositivos não conseguirem a mesma projeção ou, ainda, terem suas vidas contadas por outrem ou sequer contadas. Já em relação aos imaginários sociodiscursivos nas narrativas do *HDiário*, destacam-se os que associam o HIV à morte e à doença, já modificados pelo conhecimento científico, mas não por todos os domínios sociais, daí ainda serem retomados por Comicholi ao se referir ao vírus como enfermidade, confundi-lo com aids ou, ao contar as suas primeiras

percepções, achar ter pouco tempo de vida. Ele também aciona imaginários que atrelam o HIV à promiscuidade e irresponsabilidade, condutas em geral associadas a grupos como homossexuais e jovens, estigmatizados desde o início por discursos moralizantes, então saberes de crença, que sustentam o imaginário de que as relações sexuais heterossexuais, monogâmicas, conjugais e para reprodução são a norma, seguras e saudáveis. Com a aids se deu, portanto, uma repatologização das sexualidades consideradas dissidentes. Gabriel contesta, então, as ideias errôneas e preconceituosas sobre o contágio, explicando que o HIV pode ser transmitido a qualquer pessoa, entretanto foca nos jovens, corroborando a relação do vírus com esse grupo. Apesar de haver um imaginário recente de que a geração atual não se preocupa por não ter vivido a fase mais grave da epidemia ou por contar com meios que, ao contrário daquela época, garantem expectativa e qualidade de vida em uma perspectiva de cronicidade, o período marcado por tantas mortes e doenças, como visto, não foi esquecido e continua sendo lembrado e temido. Comicholi questiona também esse imaginário, embora aluda que os antirretrovirais podem causar sofrimento, o que costuma ser um empecilho para a terapia de algumas pessoas. Para representar os soropositivos, o *youtuber* parte maiormente de opiniões do senso comum que os colocam como doentes, descuidados, incapazes e acomodados e, em uma lógica neoliberal, os responsabilizam por serem saudáveis ou evitarem preconceitos, por exemplo. Além disso, acreditando que não devem se colocar como vítimas e que, como ele, podem ter contraído o vírus por não terem se precavido, Gabriel também confere esse papel de culpado, como se a infecção fosse uma punição por comportamentos reprováveis, principalmente em relação ao sexo, ou como se fosse preciso atribuir a culpa a alguém, o que é buscado desde o começo da epidemia. A partir das análises, pode-se concluir que, mesmo com a intenção de romper representações sobre HIV, outras podem ser reforçadas e que até mesmo para modificá-las, ainda são mobilizadas. Os mesmos imaginários sobre o vírus, que se estendem a quem vive com ele, ainda se fazem presentes, como em uma epidemia discursiva – o maior problema a lidar em relação ao HIV e que deve ser abordado pela comunicação, saúde e outros campos sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:**

HIV; narrativas de vida; imaginários sociodiscursivos; *HDiário*; *YouTube*.

## REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos**: autobiografias & AIDS. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CARVALHO, Aline Torres. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD, FALE/UFMG, 2016. p. 21-43.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVASSI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.
- CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, G.; PAULA, L. (Orgs.). **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil**: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 259-284.
- CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.
- CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada 3**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COSTA, Bruno. Videografias de si: registro do novo ethos da contemporaneidade. **Cadernos da Escola da Comunicação**, Curitiba, n. 5, p. 1-15, 2007.
- COSTA, Bruno. Práticas autobiográficas contemporâneas: as videografias de si. **Revista Digital de Cinema Documentário**, Portugal, n. 6, p. 141-157, ago. 2009.
- COSTA, Bruno. Zonas fronteiriças: as imbricações derivadas da nova relação de visibilidade nas videografias de si. **Revista Rumores**, n. 7, jan./jun. 2010.
- GALVÃO, Jane. 1980-2011: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo. **Coleção ABIA – Políticas públicas**, v. 2. Rio de Janeiro: ABIA, 2002.
- MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD, FALE/UFMG, 2016. p.121-138.
- MISKOLCI, Richard. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa et al. (Orgs.). **Sexualidade, gênero e mídia**: olhares plurais para o cotidiano. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-52.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**: Revista Latinoamericana, n. 1, 2009, p. 125-157.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SEDGWICK, Eve K. **Epistemologia do armário**. University of California Press, 1990.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. In: **Anais do XII Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Compós**, Niterói, 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.